

**POR QUÉ
CONFÍAR
NA BÍBLIA?**

AMY ORR-EWING

POR QUE
CONFiar
NA BÍBLIA?

RESPOSTAS A
10 PERGUNTAS
DIFÍCILS

TRADUÇÃO

Meire Portes Santos



Editora Ultimato
Viçosa, MG

POR QUE CONFIAR NA BÍBLIA?

Categoria: Apologética / Bíblia / Vida Cristã

Copyright © Amy Orr-Ewing, 2005
Publicado originalmente por Inter-Varsity Press,
Nottingham, United Kingdom.
Título original em inglês: *Why Trust the Bible*

Primeira edição: Julho de 2008
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Tradução: Meire Portes Santos
Revisão: Heloisa Wey Neves Lima
Capa: Eduardo Mano

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

O75p

2008

Orr-Ewing, Amy, 1975-
Por que confiar na Bíblia? Resposta a dez perguntas difíceis / Amy
Orr-Ewing ; tradução Meire Santos. — Viçosa, MG : Ultimato, 2008.
144p.; 21cm.

Título original: *Why Trust the Bible*
ISBN 978-85-7779-008-1

1. Bíblia – Crítica textual. 2. Bíblia – História. 3. Bíblia – Crítica,
interpretação, etc. I. Título.

CDD 22.ed. 220.4

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimo.com.br

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
1. Não se trata apenas de uma questão de interpretação?	15
2. Podemos saber de fato o que aconteceu na história?	31
3. Os manuscritos bíblicos são confiáveis?	41
4. O conteúdo dos manuscritos é confiável?	51
5. E quanto ao cânon?	63
6. E quanto aos outros livros sagrados?	71
7. Seria a Bíblia um livro sexista?	87
8. E quanto às guerras?	101
9. A opinião da Bíblia sobre sexo não estaria ultrapassada?	113
10. É possível conhecer a verdade?	127
Notas	133
Bibliografia	141

Ao Frog, meu marido e melhor amigo

* * *

Agradeço de forma especial a várias pessoas que me apoiaram e me ajudaram a levar adiante este projeto:

À minha maravilhosa assistente Hanni Seddon; à Sandra Byatt e Eleanor Trotter e aos editores da IVP; aos meus colegas na família RZIM e à minha igreja, All Saints Peckham.

Sou grata a Michael e Anne Ramsden pela amizade de longa data, a Tim e Vanessa Norman por terem permitido que eu usasse a casa deles enquanto escrevia este livro, e a J. John e Killy pelo encorajamento e inspiração.

Agradeço também a Ravi e Margie Zacharias por acreditarem em mim.

Minha gratidão a minha irmã Antje e ao meu cunhado Simon, pelo apoio e acompanhamento constante.

Finalmente, gostaria de agradecer aos meus pais, Hartmut e Jane Kopsch, que têm me inspirado, ao longo dos anos, a amar a Deus e a sua Palavra.

Prefácio

Há mais de trinta anos viajo pelo mundo dando palestras para platéias acadêmicas em países da Europa e do Oriente. Tenho me deparado, em muitos lugares, com a crença pós-modernista largamente difundida de que, em última análise, devemos nos guiar pelo ceticismo. A diminuição do valor da palavra e a rejeição da verdade como conceito para assuntos metafísicos se tornaram valores populares e celebrados; afinal, tudo é relativo.

No entanto, as palavras de Winston Churchill ainda ecoam: “Em tempos de guerra, a verdade é tão preciosa que precisa vir acompanhada de uma comitiva de mentiras”. Esse comentário surgiu no contexto dos esforços do serviço secreto e da contraespionagem durante a Segunda Guerra Mundial.

Creio que esta renúncia à verdade foi o ponto de partida de nossa maior crise cultural, pois restringiu o diálogo significativo sobre as questões da alma. Aqueles que rejeitam a verdade vão além e rotulam de “crédulo” todo aquele que crê firmemente na possibilidade de se conhecer a verdade, sugerindo assim que o conteúdo considerado como verdadeiro não passa de “mera crença”. Ao mesmo tempo, eles acreditam em qualquer coisa, e essa crença é considerada aceitável simplesmente por ser hostil à verdade. A “guerra” declarada à verdade e a crescente desvalorização da palavra são atitudes autodestrutivas, a menos que

seus adversários façam afirmações verdadeiras e falem palavras significativas.

Nossos métodos nem sempre funcionam quando somos confrontados com a incontestável relação entre verdade e vida. Um bom exemplo pode ser encontrado numa pesquisa feita entre jovens no Canadá. A maioria afirmou que seu maior desejo era encontrar alguém digno de confiança.

A questão, no entanto, permanece: Como conhecer a verdade? Para o cristão, tudo começa com Deus e com sua revelação através da Bíblia. Ele é aquele que sempre existiu, o absoluto. É ele que define nosso propósito de vida e nosso destino. Este Deus, que é a fonte de toda a verdade, moldou este mundo e nossas mentes de tal forma que as leis da razão e da lógica nos conduzem ao conhecimento e à certeza de sua existência.

Não há dúvida de que a mensagem cristã está baseada e firmada na autenticidade ou na falsidade da Bíblia. Ao longo da história, milhões de pessoas têm reconhecido que a Bíblia é a Palavra de Deus e fundamentado suas vidas nela, permitindo que seu destino seja definido por ela. Ela dá esperança mesmo para aqueles que estão passando pelo vale da morte. Por sua causa, a bondade tem se propagado de forma extraordinária. As nações têm instituído suas leis com base na Bíblia. Muitos têm procurado destruí-la com a mesma intensidade, e o excesso de zelo pela Palavra tem provocado incontáveis males. Ao longo da história, nenhum outro livro foi mais estudado e nenhum outro foi mais atacado do que a Bíblia Sagrada.

Não há autoridade mais profunda para nossa vida do que ter a Bíblia como espelho para a vida e mapa para a alma. Sua verdade e sua confiabilidade têm sido demonstradas ao longo da história. Quando vejo um questionador inflexível afirmando que Deus não nos fornece evidências suficientes, eu me pergunto se não seriam inquietações disfarçadas de alguém que está constantemente em dúvida devido a questões existenciais mais

profundas. Na época atual, é colocado como algo racional, do intelecto, afirmar que a verdade não pode ser conhecida. Mas isso talvez seja uma forma de encobrir o verdadeiro problema, que está no coração.

Quando Pilatos perguntou a Jesus: “O que é a verdade?”, Jesus respondeu de forma categórica. Na verdade, o que Jesus queria saber era se Pilatos estava realmente interessado na resposta ou se sua pergunta era apenas acadêmica. Jesus não estava meramente testando a sinceridade de Pilatos. Ele estava abrindo o coração de Pilatos para fazê-lo perceber o quanto ele estava indisposto a analisar as implicações da resposta de Jesus: “Aquele que é da verdade ouve a minha voz”. A busca da verdade requer que tenhamos primeiramente um propósito ou disposição para alcançá-la. O autor George MacDonald disse certa vez: “Revelar a verdade a quem não a ama é fornecer razões suficientes para uma interpretação errônea”.

Em várias ocasiões, Jesus deixou de lado algumas palavras da Escritura prometendo revelá-las quando nós a tivéssemos por escrito. Deus se revela nas Escrituras pelo testemunho do próprio Jesus. Há verdade em suas páginas para todos nós ou somente para aqueles com mentes supersticiosas e ingênuas? A Bíblia não passa de mera fantasia, ou é fantasticamente verdadeira? Ela é de fato a Palavra de Deus que veio até nós ou é uma fraude, produzida por algumas pessoas que alegam ter autoridade de divina?

Estas são as difíceis questões que minha colega Amy Orr-Ewing coloca diante de nós. Seu anseio por obter respostas levou-a a estudar na Universidade de Oxford, onde ela se dedicou diligentemente à disciplina acadêmica do Novo Testamento. Ela sabia muito bem que esta não seria uma tarefa fácil. Ela estudou sob a orientação de pessoas que a forçaram a fazer perguntas ousadas e intimidadoras e a enfrentar o desafio que tinha diante de si. Seu esforço foi reconhecido e recompensado com honras.

Conheci Amy e seu marido, Frog, anos atrás. Pude notar sua firme convicção e seu terno coração, e logo percebi a seriedade com que buscava a verdade. Fiquei feliz quando ela decidiu se juntar a nossa equipe de trabalho em defesa da fé cristã, depois de ter concluído seus estudos.

O conteúdo deste livro é, na verdade, um reflexo da vida de Amy e de seus dons. Ela tem enfrentado as platéias mais exigentes do meio acadêmico, em várias partes do mundo, e sempre que termina de falar, até o mais intransigente dos céticos reage de forma respeitosa devido à consistência de seus argumentos. Em suas palestras e debates com universitários, ela cativa os participantes respondendo às perguntas com sinceridade, clareza, humildade e genuíno prazer. Ela reconhece que os desejos mais profundos do coração humano são freqüentemente ignorados porque as questões intelectuais são aparentemente obstáculos intransponíveis. As palavras de Churchill são verdadeiras: “Os homens tropeçam na verdade de tempos em tempos, mas a maioria deles se põe de pé e continua andando como se nada tivesse acontecido”. Esse livro procura dar respostas à algumas difíceis questões e encorajar-nos a diminuir o ritmo e a buscar as respostas e a verdade em nosso próprio coração. Nenhuma pergunta é mais importante para nossa vida do que esta: “Deus fala conosco? Como podemos saber se o que ele fala é realmente verdade?” Talvez possamos também ouvir, como o profeta Jeremias, a graciosa voz de Deus dizendo: “Invoca-me e te responderei; anunciar-te-ei cousas grandes e ocultas, que não sabes” (Jr 33.3). Este livro é um guia indispensável para aqueles que desejam reconhecer o chamado de Deus e ouvir o que ele tem para nos dizer.

DR. RAVI ZACHARIAS

Introdução

Em alguns países, o livro que estamos discutindo aqui é considerado ilegal. Operações de contrabando são montadas com um só propósito: conseguir levar Bíblias para dentro do país, burlando a vigilância da fronteira, e para todos aqueles que desejam lê-las. Nunca me esquecerei do dia em que desci de um trem, no interior da China, às quatro horas da manhã, para me encontrar com três líderes da igreja chinesa. Nossa grupo levava sacos cheios de Bíblias para serem distribuídas entre as igrejas situadas no extremo norte da China. Quando nossos amigos chineses abriram os sacos e viram o que havia dentro deles, as lágrimas começaram a rolar em suas faces. Aquelas Bíblias eram tão preciosas que eles estavam dispostos a ir para a prisão ou a sofrer perseguição para obtê-las. Fiquei impressionada ao perceber que a Bíblia era capaz de inspirar tal coragem e sacrifício nos corações daqueles que queriam lê-la.

Mas por que o livro mais vendido do mundo é rejeitado por tantos? Alguém já lhe falou: “Francamente, você não acredita em tudo que está escrito na Bíblia, não é?” Lembro-me que certa vez eu procurava desesperadamente algo digno de crédito para dizer quando um amigo me perguntou diretamente: “Mas você não acredita na história da arca de Noé, acredita?” Eu

respondi com um fraco “sim”, que veio acompanhado de risadas das pessoas que almoçavam comigo. Tenho certeza que muitos de nós já passamos pela experiência tanto de responder perguntas sobre a Bíblia como de fazer perguntas. Depois de ter passado por tal situação, em que me vi sem palavras para argumentar, decidi procurar respostas que fossem satisfatórias. A Bíblia seria realmente capaz de resistir a um questionamento mais profundo?

Este é o tema deste livro. Muitos bons livros cristãos têm sido escritos com o propósito de dar respostas claras às perguntas que os céticos freqüentemente fazem sobre a fé cristã, tais como: “Se Deus é amor, por que existe tanto sofrimento no mundo?”, “A ciência não tem demonstrado que Deus não existe?”, “E quanto às outras religiões?” Em todas elas, há uma dúvida sugerida nas entrelinhas: “Podemos realmente crer na Bíblia?” Embora as respostas dadas sejam extremamente valiosas, cheguei à conclusão que as pessoas fazem todo tipo de perguntas sobre a Bíblia, e cada uma delas merece ser respondida da melhor forma possível. É isso que procuro fazer neste livro. Separei as dez perguntas mais freqüentes a respeito da Bíblia, com base em minha experiência no assunto, e procurei respondê-las. A maioria das respostas apresentadas aqui foram extraídas de conversas da vida real e transcritas de forma simplificada. Por outro lado, cada capítulo aborda também as questões mais complexas que estão por trás destas perguntas, colocando assim as respostas em um contexto mais amplo.

Minha busca por respostas levou-me a estudar teologia na Universidade de Oxford. Mas nem em sonhos eu poderia imaginar que um dia teria que defender minha fé cristã diante dos doutores da universidade. Isto é, até fevereiro de meu último ano. Eu estava estudando a Teologia da Igreja de Cristo, prestando-me para os exames finais, quando tive um sonho. No sonho, eu havia sido escolhida para ser a “viva-ed” de minha

classe! Um “viva voce” é um exame oral no qual o aluno defende sua tese diante de um grupo de examinadores. Esta forma especial de tortura é geralmente reservada aos doutorandos. Mas mesmo assim, algumas semanas depois de ter concluído meu curso, quase no final de junho, recebi uma ligação telefônica dizendo que eu deveria comparecer diante do corpo docente de teologia para “responder a algumas perguntas”. Acontece que o dia marcado para a minha prova oral era a véspera do meu casamento! Durante a entrevista, os professores fizeram várias perguntas sobre minhas convicções cristãs. Mas uma delas ficou gravada em minha mente, e lembro-me dela tão claramente como se tivesse sido feita ontem: “Honestamente, o que você está querendo dizer é que Jesus, na verdade, não disse todas aquelas palavras registradas nos evangelhos, assim como os eventos registrados na Bíblia de fato não aconteceram, certo?”

Meu primeiro impulso foi responder com outra pergunta: “Baseado em que você pode afirmar que Jesus *não* disse todas aquelas palavras?” O enorme preconceito demonstrado por pessoas extremamente cultas chama nossa atenção para o ceticismo com que muitas pessoas tratam a Bíblia em todas as situações da vida. A convicção de que a Bíblia deve estar errada, defendida pela elite intelectual presente no mais alto escalão da excelência acadêmica, parece ter sido assimilada pelas camadas populares, de modo que pessoas que nunca folhearam uma Bíblia garantem que não podem confiar no que ela diz.

Esta prova oral tornou-se a primeira de muitas outras ocasiões em que tive oportunidade de defender a credibilidade intelectual da Bíblia e da fé cristã para diferentes platéias. Em minhas viagens com o Zacharias Trust, tenho respondido a várias perguntas sobre a mensagem cristã, e pude perceber que muitas se referem especificamente às Escrituras. Em nossa cultura, que muitos chamam de “pós-moderna”, os entendidos no assunto afirmam que as pessoas não se interessam pela verdade, e menos

ainda por textos de linguagem categórica como a Bíblia. Mesmo assim, é comum surgirem perguntas sobre a Bíblia em meu trabalho com o Trust.

Inicialmente, fiquei surpresa com algumas perguntas. Elas estavam mais relacionadas à ética e à interpretação do que aos fatos e às evidências. As questões atuais parecem incluir um certo grau de pluralismo e pós-modernismo. Todas as perguntas analisadas neste livro foram feitas por não cristãos, em diferentes ocasiões.

Depois de seis anos trabalhando no campo da apologética cristã, estou convencida de que se formos capazes de responder com sensibilidade às preocupações daqueles que cruzam nosso caminho em busca da verdade, muitos serão conduzidos à fé em Cristo Jesus. Por esta razão decidi focalizar neste livro as dez perguntas que ouço com mais freqüência sobre a Bíblia.

AMY ORR-EWING

1. Não se trata apenas de uma questão de interpretação?

Quando o assunto diz respeito à Bíblia, as pessoas costumam ter muitas perguntas e dúvidas. Freqüentemente, a imagem que lhes vêm à mente é a de um livro místico e estranhamente incoerente, e às vezes até um pouco assustador. Existe também um sentimento comum de que as pessoas religiosas usam a Bíblia para defender suas próprias opiniões, interpretando-a conforme a conveniência de cada grupo. Afirmações desse tipo podem levar a pessoa a concluir: “Você usa a Bíblia para justificar o que você pensa! Como você pode esperar que eu a considere seriamente?” Em minha experiência esta pergunta tem se apresentado de forma ligeiramente diferente ao longo dos anos. Certa ocasião eu estava conversando com uma companheira de viagem no aeroporto. Ela me contou que havia acabado de ler um livro que afirmava que Jesus havia se casado com Maria Madalena e que ambos viveram felizes para sempre na Mesopotâmia. Outro amigo meu havia lido esse mesmo livro e tirado conclusões completamente diferentes. Quando mencionei isso, minha colega de viagem não ficou nem um pouco surpresa. Enquanto conversávamos, pude perceber claramente que a fonte histórica daquele material não tinha a menor importância para ela. A

leitura deste novo livro, que ela havia apreciado bastante, e as diferentes conclusões tiradas por pessoas inteligentes, apenas demonstravam a possibilidade de existir diferentes interpretações para um mesmo texto. Esse conceito se estendeu e passou a ser aplicado à Bíblia e ao que está registrado nela. Não há como determinar o significado real – o que temos na verdade são inúmeras opiniões válidas, e não há possibilidade de estabelecer qual delas seria de fato a “verdadeira”.

A grande questão que está por trás da quantidade cada vez maior de perguntas sobre significado e interpretação é se palavras e textos podem de algum modo, ter algum significado inerente. Afinal, não se trata apenas de uma questão de opinião? Toda interpretação é válida? Este texto transmite algum significado específico ou pode significar o que eu quiser? Meu marido, Francis (apelido de Frog), entendeu claramente as implicações relacionadas a essa questão alguns anos atrás. Ele foi convidado, como pastor, para o casamento de um amigo, e eu o acompanhei. Depois da cerimônia na igreja, fomos para a recepção, juntamente com os demais convidados, e nos sentamos em mesas diferentes. Enquanto eu conversava com um jovem que estava sentado próximo a mim, meu marido conversava com a namorada do jovem, que havia se sentado perto dele. Falamos de vários assuntos, até que de repente o rapaz parou no meio de uma frase e subitamente me pediu desculpas, dizendo que, por alguma razão, ele não podia mentir para mim. Expliou-me então que antes de vir para o casamento ele e sua namorada haviam decidido trocar de papéis. Ele era um bem-sucedido consultor empresarial e ela era artista. Eles queriam descobrir se as pessoas os tratavam de acordo com seus *status*, e assim, resolveram trocar de papéis. Depois de conversarmos sobre o motivo que o levou a se sentir desconfortável em mentir para mim e outros assuntos espirituais, ele olhou para os nossos companheiros, na outra mesa, que também conversavam e disse:

— Gostaria de saber se minha namorada conseguiu enganar seu marido...

Orei silenciosamente. Mais tarde, Frog me contou que a jovem também não fora capaz de mentir para ele. Eles também conversavam sobre assuntos espirituais até que em um dado momento ela disse:

— A razão pela qual eu não sou cristã é que, como estudante de literatura inglesa, não creio que as palavras tenham um “significado transcendental”, de modo que posso dar a Bíblia o significado que eu quiser.

Frog pediu a ela que explicasse melhor, e ela disse que acreditava que as palavras não tinham um significado real — a palavra escrita ou falada teria o significado que o leitor ou o ouvinte lhe atribuísse. Para ela, as palavras não tinham nenhum significado definitivo porque não há um Deus (o “elemento transcendental”) para dar significado definitivo às palavras. Meu marido olhou para ela e disse:

— Se for assim, ou seja, se as palavras não possuem significado, exceto aquele atribuído a elas pelo leitor ou ouvinte, você concorda se eu disser que entendo o que você acabou de me dizer como: “Eu acredito em Jesus e sou uma cristã”?

Ao ouvir isso, ela me pareceu um pouco perturbada, pois compreendeu que seu argumento não resistia ao seu próprio teste. O critério que ela estava empregando para julgar a Bíblia era um critério que escapava ao seu próprio raciocínio.

Esta questão sobre o significado das palavras é incrivelmente importante, no que diz respeito à fé cristã, quando apresentamos a fonte de todo o material sobre a vida de Jesus — os evangelhos do Novo Testamento — aos nossos amigos descrentes. Se a Bíblia tem apenas o significado que damos a ela, então não há nenhum propósito em lê-la para descobrir algo sobre Deus.

O que leva as pessoas a acreditar que quando se trata da Bíblia, tudo não passa de uma questão de interpretação?

Entender de onde vêm estas idéias sobre interpretação e significado pode nos ajudar a responder esta pergunta.

A idéia de que nenhum texto tem um significado definitivo vem se tornando cada vez mais forte no atual contexto pós-moderno, com enormes implicações para a comunicação do evangelho. Um crítico literário escreveu:

A literatura [...] ao recusar atribuir um “segredo” ou um significado definitivo ao texto (e por analogia, ao mundo), libera o que podemos chamar de uma atividade antiteológica realmente revolucionária, uma vez que recusar-se a estabelecer um significado é, no final, recusar a Deus...¹

Essa frase certamente faz lembrar as palavras estranhamente proféticas do filósofo Friederich Nietzsche: “Não podemos nos livrar de Deus enquanto não nos livrarmos da gramática”.² Esta idéia foi repetida posteriormente pelo ateu Bertrand Russell: “A linguagem atual incorpora a metafísica da Idade da Pedra”.³ O desejo de libertar o ser humano da opressão de um Deus está fortemente relacionada à questão da linguagem e seu significado.

A linguagem como um jogo

Às vezes, a abordagem daqueles que procuram questionar a possibilidade de um significado definitivo na linguagem parece mais um jogo esquisito. O filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951) teve grande influência nessa área. Ele afirmou que cada função da linguagem ocorre dentro de um sistema separado e aparentemente fechado, com suas próprias regras. Isso significa que qualquer função da linguagem seria semelhante a um jogo. É necessário conhecer as regras do jogo e ter bom senso em relação ao significado dos termos para usar a linguagem. Cada uso da linguagem constitui um “jogo de linguagem” separado, e alguns jogos têm muito pouco a ver entre si.⁴

Wittgenstein abandonou explicitamente todo conceito de verdade como correspondência com a realidade, e, ao invés disso, caracterizou-a como uma função da linguagem. Isso significa que nenhuma afirmação ou declaração pode ser limitada a um significado particular — seu significado depende totalmente do contexto. Deste modo, todo o esforço para se chegar à verdade ou ao significado acaba caindo na armadilha do jogo da linguagem em que ele se tornou. Quando aplicado à Bíblia, isso significa que o contexto do leitor é que determina a interpretação do texto. Seria impossível estabelecer um significado único, que fosse aceito por diferentes culturas, línguas, situações ou “jogos”.

Atualmente, esta posição é defendida em muitos contextos — evidentemente com menos sofisticação do que a demonstrada por Wittgenstein, mas a influência de suas idéias é visível. Por trás de declarações como: “Isso foi importante naquela época, mas a Bíblia foi escrita há milhares de anos!”, encontramos o mesmo ponto de vista de Wittgenstein. É claro que todo cristão concorda que o contexto é importante para a interpretação de qualquer texto. Contudo, isso não significa que o texto não possa transmitir o mesmo significado quando fora de seu contexto original. Nesse caso, poderíamos aplicar as idéias de Wittgenstein a ele mesmo, e não teriam nenhuma relevância hoje. Este, certamente, pode ser considerado um bom argumento, mas os cristãos ainda precisam atacar estas idéias, da mesma forma que pedimos aos difamadores da Bíblia que olhem honestamente para o Novo Testamento com a mente aberta.

Negando a cosmovisão universal

Ainda dentro da contextualização de significado, há o importante pensamento pós-moderno de que não existem “mitos” ou histórias abrangentes que possam transmitir um significado

universal para a linguagem. O poder da narrativa épica (ou “metanarrativa”) ao unir os seres humanos do mundo inteiro, integrando-se às histórias de cada lugar, está em decadência. Muitos a comparam a um ditador restringindo a liberdade das pessoas. O pensador Jean-François Lyotard argumenta que a visão pós-moderna requer que se faça uma “guerra contra o totalitarismo”⁵ – ou seja, uma luta contra qualquer reivindicação a um significado universal. Isto significa que qualquer cosmovisão ou estrutura de significado não vale nada, quer seja o moderno mito do progresso, ou o mito do Iluminismo levando os seres humanos a descobrirem a verdade, ou o “mito” cristão, afirmindo que Deus criou os seres humanos e se revela a eles. É claro que a única exceção a esta negação de histórias abrangentes é a idéia abrangente de que não existem idéias abrangentes!

A linguagem como jogo de poder

Acima da rejeição da metanarrativa está a suspeita pós-moderna de que qualquer tentativa de atribuir às palavras um significado objetivo especial implica usar a força e declarar poder sobre outros. O escritor Michel Foucault argumenta que não há qualquer fundamento para o conhecimento, que não existe um “significado transcendental” (isto é, Deus) ao qual todos os “significadores” (seres humanos) possam recorrer definitivamente.⁶ Esta idéia tem consequências claras e diretas para os cristãos que procuram defender a possibilidade de se deparar com a verdade em Cristo. Mas isso não é tudo. Foucault continua argumentando que existe uma interação essencial entre conhecimento e poder. Lembrando a expressão de Nietzsche, “o desejo de poder”, Foucault chama a procura da verdade de um “desejo de conhecimento” que estabelece sua própria “verdade” arbitrariamente. Esta “verdade” pode

então ser imposta a outros, concedendo poder ao orador ou escritor. Pensando desta maneira, o discurso e a busca do conhecimento são considerados uma busca de poder, e este poder é incorporado e expresso em uma linguagem institucionalizada:⁷

O poder produz conhecimento [...] Não existe relação de poder sem a constituição correspondente de um campo do conhecimento, nem algum conhecimento que não pressuponha e determine ao mesmo tempo relações de poder.⁸

Isto sugere que ao leremos a Bíblia, devemos suspeitar dos escritores, pois eles estão exercendo poder sobre nós, e suspeitar mais ainda de qualquer pessoa que tente nos ajudar a interpretar a Bíblia. Qualquer tentativa de pregar ou explicar a Bíblia não passa de uma tentativa desastrosa de obter poder sobre outra pessoa. Isto me faz lembrar um pregador em Oxford que subiu ao púlpito em um domingo e pregou com todo o coração. À porta da igreja um jovem cumprimentou-o, um tanto constrangido. Ele havia detestado o sermão. Quando lhe perguntaram por que ele não havia gostado da pregação, ele respondeu que considerava ofensiva a maneira como o pregador havia pregado, isto é, com convicção, acreditando que tudo que dizia era verdade. Ele discordava do caráter persuasivo da pregação e desconfiava do poder envolvido. Esta é a objeção pós-moderna ao significado como sendo um poder, expressa em termos simples. Porém, esse raciocínio não resiste ao seu próprio teste. Afinal, alguém ficaria surpreso com o fato de Foucault ser capaz de falar a respeito de relações de poder e palavras sem cair em sua própria armadilha? Como ele pode usar palavras para nos explicar isso sem exercer poder sobre nós? Provavelmente ele seria uma exceção, a única pessoa capaz de nos dizer coisas sem exercer poder sobre nós!

A verdade

Outra consequência destas idéias sobre poder e manipulação é a negação do conceito de convedor imparcial, o que significa negar qualquer possibilidade de nos colocarmos além da história e da sociedade humana, em uma posição vantajosa, capaz de nos oferecer certo conhecimento. A verdade não é considerada como algo teórico ou objetivo – ao contrário, a verdade é algo “fabricado”, uma “ficação”, um “sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulamentação, distribuição, circulação e operação de declarações”.⁹ Este sistema da verdade parece manter um relacionamento recíproco com os sistemas de poder que o produzem e sustentam. Assim, qualquer tentativa de afirmar a verdade sobre um evento histórico ou sobre qualquer tipo de realidade é vista como jogo de poder. A suspeita é a de que o escritor ou orador esteja tentando manipular ou controlar outros. De acordo com este ponto de vista, a Bíblia pode ser considerada um instrumento de manipulação, usado por pessoas poderosas para controlar outras.

Este argumento está sujeito ao mesmo tipo de questionamento. Como alguém que acredita em tal argumentação pode transmiti-la a outra pessoa? Se as palavras são ferramentas de opressão usadas pelas pessoas poderosas para controlar outras, Foucault não está fazendo exatamente a mesma coisa ao tentar convencer as pessoas através de seus livros de filosofia? Mais uma vez, um argumento falha no primeiro teste. Se os céticos pretendem usar essa linha de raciocínio contra a Bíblia, eles precisam ser alertados de que devem aplicá-la também à sua própria análise. Isso me faz lembrar a sogra de uma amiga, que está sempre criticando minha amiga e o marido por não ligarem para ela regularmente, quando ela mesma costuma passar alguns meses viajando sem ligar ou dar notícias para a família. A atitude que ela reprova no filho e na nora é exatamente igual à atitude dela

para com eles. No contexto dos relacionamentos humanos, isto é chamado de hipocrisia. Nas discussões filosóficas, é chamado de “objeção especial”, ou seja, algumas regras só se aplicam aos outros, não a mim. Este tipo de abordagem precisa ser desmascarado exatamente pelo que é.

Linguagem e significado

Outras questões sobre linguagem e significado emergem quando percebemos o efeito arrasador do desejo de se livrar de Deus. Se Deus não existe, não existe fundamento para a linguagem e as palavras não são capazes de expressar ou apresentar a realidade. O pensador Jacques Derrida levanta as mesmas questões em relação às palavras e à linguagem, atacando o que ele chama de “logocentrismo”, isto é, a idéia de que nossas declarações são representações do mundo como ele realmente é sem a atividade humana. Derrida nega que a linguagem tenha qualquer significado fixo conectado a uma realidade fixa e nega que ela revele a verdade definitiva. A crença de que a linguagem pode ter significado faz com que as pessoas busquem a palavra, a presença, a essência ou a verdade definitiva ou alguma realidade fundamental que possa servir de base ao pensamento, à linguagem e à experiência, ou seja, o “significado transcendental”.¹⁰ Mas ele argumenta que tal Deus, ou Idéia, ou Espírito do Mundo, na verdade não existe. Esta interessante abordagem nos mostra que sem a existência de Deus, a linguagem não poderia trazer consigo um significado. Se quisermos rejeitar Deus, temos que eliminar a linguagem.

Se tal “significado transcendente” não existe, o significado das palavras surge de sua relação com o contexto imediato e não de algo mais sólido ou absoluto. Isso tornaria a linguagem completamente sem referencial. Imagine como seria frustrante se você tivesse uma irmã ou irmão que insistisse em interpretar suas

palavras como bem entendesse, sem nenhum referencial que pudesse determinar o significado destas palavras. O simples pedido: “Por favor, não use minhas roupas sem minha permissão” poderia facilmente ser interpretado como: “Sinta-se à vontade para usar minhas roupas a qualquer hora e deixá-las sujas e jogadas no chão de seu quarto”. Se o significado das palavras muda com o passar do tempo e conforme o contexto, a perspectiva de comunicação entre duas pessoas se encontra seriamente prejudicada. Tal situação significaria não apenas a perda dos textos para nós, mas até mesmo a capacidade dos humanos se comunicarem. Os relacionamentos estariam completamente destruídos. Quanto à leitura, se as palavras de um texto têm apenas o significado que eu atribuo a elas, dentro do meu contexto lingüístico e cultural, então aquele texto não poderia me transmitir nenhuma mensagem, pois eu estaria falando a mim mesma. Esta é uma séria objeção e pode ser realmente um problema. Entretanto, isso só será problema se considerarmos que Deus não existe e que a linguagem não tem capacidade de transmitir um significado real. Mas nesse caso, não poderíamos afirmar isso usando palavras, porque novamente a idéia não passaria em seu próprio teste.

Percebemos assim que uma cultura pós-moderna levanta todo tipo de questões quanto à possibilidade de textos e palavras carregarem algum significado. Entretanto, existe uma falha interessante que revela a inconsistência desse raciocínio. Afinal, como alguém pode nos dizer isso? Se as palavras não possuem significado próprio, então aqueles que concordam com este argumento deveriam ficar calados. Como poderíamos expressar uma idéia em palavras e ao mesmo tempo negar a essas mesmas palavras a possibilidade de significado? Se quisermos escapar do silêncio total, devemos aceitar a possibilidade de algum significado, de maneira a tornar possível a comunicação.

Pós-modernismo

- Visão de mundo posterior ao modernismo, que se tornou proeminente na cultura ocidental a partir da década de 60.
- Marcado pela desilusão e desconfiança em relação aos ideais do modernismo, tais como a certeza, a crença idealista na ciência e na tecnologia e a confiança otimista no progresso da humanidade.
- Rejeita qualquer possibilidade de uma verdade universal e absoluta, recusando também a idéia de um Deus que governa sobre todas as coisas.
- Rejeita qualquer história abrangente ou metanarrativa, capaz de transmitir um sentido universal.
- Rejeita os valores morais absolutos.

O texto da Bíblia

Se nos dispusemos a aceitar a possibilidade de estabelecer um significado, então podemos passar agora a fazer perguntas sobre como devemos ler a Bíblia. Podemos começar pelo autor. Provavelmente as perguntas mais importantes aqui são aquelas relacionadas à intenção do autor ao escrever. Se observarmos o Novo Testamento, especialmente os evangelhos, podemos notar que dois de seus escritores nos revelam suas intenções. Lucas escreveu seu evangelho do ponto de vista de um gentio crente em Jesus. Ele era médico, um homem da ciência. Ele não desfrutou do privilégio de ter sido escolhido para participar do grupo dos doze discípulos que acompanharam Jesus durante três anos e puderam assim conhecê-lo muito bem. Lucas expressa sua intenção ao escrever o evangelho logo no início de sua narrativa:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

(Lc 1.1-4)

João foi um dos doze discípulos; ele era muito próximo a Jesus, e esteve com ele durante três anos, acompanhando de perto seu ministério. João é conhecido como o “discípulo amado”, por ser aquele que estava mais próximo a Jesus. Ele expõe sua intenção ao escrever seu evangelho já quase no final do livro:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

(Jo 20.30-31)

Não estou sugerindo que os não cristãos deveriam aceitar os evangelhos como sendo “a verdade” por causa das boas intenções de seus escritores. Podemos questionar as intenções do autor e depois de examiná-las cuidadosamente chegar a várias possibilidades:

- É possível que as intenções do autor fossem sinceras, mas ele pode ter se enganado e passado informação errada.
- É possível que o autor soubesse que estava passando informações falsas e estivesse deliberadamente tentando enganar o leitor.

- É possível que as intenções do autor fossem sinceras e que tudo que ele registrou tenha realmente acontecido.

Em seguida, podemos testar estas possibilidades especificamente em relação ao texto. Existem duas maneiras básicas de analisar o texto: a indutiva e a dedutiva. As perguntas indutivas verificam se o texto do evangelho está inserido em um contexto maior. É possível estabelecer uma relação entre o que está no texto e a realidade em que vivemos? Ou o evangelho abrange apenas uma parte da realidade, de modo que a pessoa teria que se afastar temporariamente do mundo real para poder compreendê-lo? As referências históricas e arqueológicas estão de acordo com as informações que temos sobre este período? O texto está de acordo com a visão que temos do mundo? Ele reconhece e se refere adequadamente à condição humana? O texto parece ser sincero? Estas perguntas poderão ajudar aqueles que estão em busca da verdade a avaliar se o evangelho em questão é confiável ou até mesmo “verdadeiro”.

As perguntas dedutivas também precisam ser feitas. Acho interessante o fato de muitos cristãos começarem por aqui, sem antes considerar as perguntas mais abrangentes relacionadas ao texto. Apesar de não ser este o nosso ponto de partida, não podemos deixar de lado estas perguntas. O texto é consistente? Tem coerência interna? É contraditório? O texto, como um todo, é coerente?

Estes testes ajudarão os descrentes a analisar os evangelhos e os demais livros do Novo Testamento por si mesmos. Nós, como cristãos, precisamos resistir à tentação de forçar as pessoas a aceitarem o que a Bíblia diz apenas “porque é assim e pronto”. Muitas pessoas precisam examinar a Bíblia por si mesmas, fazer perguntas, analisar os motivos para então encontrar a verdade de Jesus nas páginas das Escrituras.

Lembro-me de alguém que encontrei alguns anos atrás em Oxford. Ele era bastante cético e me fez muitas perguntas

sobre a fé cristã, demonstrando desconfiança em relação aos evangelhos e sobre quem de fato era Jesus. Certa ocasião, ao ler um dos evangelhos, ele começou a questionar alguns milagres e ficou surpreso ao ler que alguns dos primeiros seguidores de Jesus eram pescadores. Saber que pescadores viram os milagres de Jesus e passaram a segui-lo deixou-o estranhamente abalado. Quando lhe perguntei o motivo, ele me explicou que vinha de uma família de pescadores, na Escócia. Ele sabia bem que eram pessoas rudes, pouco propensas a alucinações e que dificilmente engoliriam uma mentira. Ele então me disse:

— Se aqueles pescadores viram de fato, eu acredito que eles sabiam do que estavam falando. Conheço esse tipo de gente, e gente assim não se deixa enganar com facilidade. Para mim isso é o bastante.

Esta provavelmente é a razão mais estranha que alguém já me deu para se tornar um cristão. Ao testar o evangelho quanto à sua veracidade, usando sua mente e sua experiência de vida, ele chegou à conclusão de que o relato que estava lendo não era apenas consistente quanto ao aspecto interno, mas se conectava a sua própria realidade.

Perguntas indutivas questionam se o texto do evangelho está inserido em um contexto maior. O leitor conseguiria estabelecer uma relação entre o que está no texto e a realidade a sua volta? Ou o evangelho abrange apenas parte da realidade, de modo que alguém para entrar teria que se afastar temporariamente do mundo real?

Perguntas dedutivas questionam se o texto do evangelho é consistente. O texto que estamos lendo é coeso? Apresenta coerência interna? É contraditório? A leitura do texto, como um todo, é coerente?

A responsabilidade do leitor

Às vezes as pessoas me perguntam: “Sinceramente, você não acredita em tudo que a Bíblia diz, acredita?” A importância desta pergunta tem aumentado à medida que as pessoas têm se tornado cada vez mais assustadas com o avanço do fundamentalismo em todas as partes do mundo. Após o episódio de 11 de setembro, surgiu a idéia de que se as pessoas passassem a crer em tudo que está escrito nos seus livros sagrados, isto poderia ser muito perigoso. A interpretação literal de um livro religioso é considerada como uma das coisas mais absurdas e desequilibradas que podemos fazer. É importante observar que simplesmente acreditar no que o livro diz ou interpretá-lo de forma literal não é necessariamente perigoso. O perigo é determinado pelo conteúdo do livro. O que a leitura daquele livro nos transmite? O livro incita a violência? Ele pode ser usado para fins perigosos? Crer no que um livro diz pode não ser algo inerentemente mau — o perigo está no tipo da mensagem.

Devemos, então, interpretar a Bíblia literalmente? Esta pergunta foi feita a G. K. Chesterton que, ironicamente, respondeu: “A Bíblia diz que Herodes era uma raposa, mas isso não significa que ele tivesse uma cauda peluda e orelhas pontudas. Ela também diz que Jesus é a porta, mas isso não quer dizer que ele é de madeira, liso e preso a dobradiças”. afirmar que um texto pode ter um significado e transmiti-lo ao leitor ou ouvinte não o isenta da responsabilidade de participar do processo. O leitor deve questionar as intenções do autor bem como examinar suas motivações e reações. O contexto histórico do texto tem sua função, da mesma forma que o contexto cultural do leitor.

Eu diria que afirmar dogmaticamente a impossibilidade de qualquer texto ter e comunicar um significado é ter a mente fechada. O cristão não pode pedir ao cético para aceitar

ingenuamente o que a Bíblia diz “porque é assim e pronto”, mas pode pedir a ele que tenha a mente aberta para ler o evangelho e questioná-lo, e então descobrir por si só se sua mensagem é ou não verdadeira.